

O processo de construção da ferrovia na Colônia Maciel na década de 1940: impactos no cotidiano escolar e no comunitário

Renata Brião de Castro¹
Patrícia Weiduschadt²

Resumo:

Este artigo tem como objetivo discutir os impactos da construção da ferrovia na Colônia Maciel (Pelotas/RS), durante a década de 1940. A análise centra-se em dois tópicos fundamentais: os impactos da construção da ferrovia na comunidade local e na instituição escolar, a Escola Garibaldi. Como fontes para a pesquisa, utilizam-se dois periódicos do município, assim como narrativas orais. Para a fundamentação teórica, utilizam-se autores que abordam o uso de jornais em pesquisas históricas e, também, sobre a metodologia da história oral. Um dos conceitos principais para este estudo é a noção de estabelecidos e *outsiders* (ELIAS e SCOTSON 2000). Observa-se que o período de construção da ferrovia está consolidado na memória coletiva do local.

Palavras-chave: Escola Garibaldi, Colônia Maciel, ferrovia, memórias.

The process of building a railway in the Maciel Colony in the 1940s: impacts upon school and community

Abstract:

This paper aims to discuss the impacts of building a railway in the Maciel Colony (Pelotas/RS), in the 1940s. The analysis focuses on two key topics: the railway building impacts upon the local community and the educational institution: Garibaldi School. Two city journals, as well as oral narratives, have been used as research sources. The theoretical studies employed authors who approach the usage of newspapers for historical research, as well as oral history. One of the main concepts of this study is the concept of the established and the outsiders (ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. 2000). It is important to notice that the period of the railway construction is consolidated in the local collective memory.

Keywords: Garibaldi School, the Maciel Colony, railway, memories.

1 Mestranda em Educação no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas.

2 Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora efetiva da Faculdade de Educação e do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas.

| | | | | |
|---------|--------|------------|----------|---------------|
| Textura | Canoas | v. 20 n.43 | p.98-120 | maio/ago 2018 |
|---------|--------|------------|----------|---------------|

Introdução

O objetivo deste artigo é discutir os impactos da construção de uma ferrovia na localidade da colônia Maciel, no interior do município de Pelotas (RS). Será analisado o período de construção da estrada de ferro, a partir da memória dos moradores locais, por meio da metodologia da história oral. A análise centra-se em dois tópicos fundamentais: os impactos da construção da ferrovia na comunidade local e na instituição escolar da região, a Escola Garibaldi.

A mencionada estrada de ferro começou a ser construída no ano de 1940 e foi finalizada em 1950. Destarte, os funcionários da construção fixaram-se temporariamente na Colônia Maciel. Sendo assim, este texto analisa as relações estabelecidas entre os dois grupos: os moradores locais e os temporários. Para um melhor entendimento, denominam-se moradores locais as pessoas da região e moradores temporários àqueles que se instalaram na localidade durante o período da construção. Para realizar essa análise, faz-se uso da noção de estabelecidos e *outsiders* (ELIAS e SCOTSON, 2000).

No que tange à educação institucionalizada, na Colônia Maciel, foi marcante a construção da Escola Garibaldi, pelo poder público municipal no ano de 1928. As aulas iniciaram-se no ano de 1929, com a regência do professor José Rodeghiero, o qual residia na Colônia Maciel e era descendente dos italianos instalados na localidade. A Colônia Maciel foi colonizada, no final do século XIX, por imigrantes de origem italiana.³

As fontes⁴ mobilizadas para este estudo são: dois jornais - Diário Popular e A Opinião Pública -, entrevistas realizadas pelas pesquisadoras e narrativas que fazem parte do acervo do banco de dados do Museu Etnográfico da Colônia Maciel (MECOM). Para analisá-las, faz-se uso das teorizações a respeito da história oral, da utilização de narrativas produzidas por outros pesquisadores e do uso de jornais em pesquisas históricas.

3 Sobre a Escola Garibaldi e o professor José Rodeghiero, ver a dissertação de Castro (2017).

4 Para Ragazzini (2001, p.14), "as fontes permitem encontrar e reconhecer: encontrar materialmente e reconhecer culturalmente a intencionalidade inerente ao seu processo de produção. Para encontrar é necessário procurar e estar disponível ao encontro: não basta olhar, é necessário ver. Para reconhecer é necessário atribuir significado, isto é: ler e indicar os signos e os vestígios como sinais".

A construção da estrada de ferro

No contexto de ampliação das cidades e da circulação econômica na região, houve a necessidade de construção de uma ferrovia, pois facilitaria o escoamento da produção e o contato entre a zona rural e a urbana. O movimento propiciado pela edificação férrea foi amplamente divulgado na imprensa local.

Para isso, os jornais configuraram-se como as principais fontes de pesquisa. De acordo com Luca (2015), é necessário contextualizar os periódicos. Conforme a autora, “historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê [...]”. (LUCA, 2015, p. 132). Para Zicman (1985), o processo de categorização dos dados ocorre em dois momentos: primeiro o inventário, os elementos e, depois, a classificação. Essa é a distribuição dos elementos em grupos análogos. O autor alerta para a necessidade de o pesquisador definir suas categorias de análise conforme os objetivos de sua pesquisa. Concorde-se com Moraes (2003) que a multiplicidade de análises possíveis de serem construídas com um mesmo conjunto, está alinhada com os pressupostos teóricos de que o pesquisador irá fazer uso.

Para os historiadores da educação, a pesquisa em jornais está mais do que consolidada e justificada. Por meio da abordagem da história cultural, ampliaram-se as fontes de pesquisa e, nesse contexto, fontes não tradicionais ganharam espaço e legitimidade. O uso de jornais como fonte de pesquisa ampara-se em Tania de Luca (2015). Para a autora, a importância dos periódicos está amplamente aceita. Segue Luca (2015, p. 130): “[...] o seu uso generalizou-se a ponto de se tornar um dos traços distintivos da produção acadêmica brasileira a partir de 1985”.

Após a “garimpagem” nos jornais, foi necessária a organização dos dados. Com isso, foi possível perceber como os dois periódicos abordaram, na época, a construção da estrada de ferro. No ano de 1940, começou a ser construída a ferrovia. Esta ligou os municípios de Pelotas e Canguçu no interior do Estado do RS. Para a sua construção, vieram pessoas externas à Colônia Maciel. As famílias dos funcionários da construção também se instalaram na localidade. Por conseguinte, as crianças destas famílias foram estudar na Escola Garibaldi.

De acordo com os jornais, a ferrovia ligaria os municípios de Pelotas, no sul do estado, a Santa Maria, na região central. No início do projeto, o destino final não estava definido, poderia ser Santa Maria, São Pedro ou Cachoeira do Sul. Porém, estabeleceu-se que seria Santa Maria. Entretanto, a ferrovia só chegou ao município de Canguçu no ano de 1950.

Percebe-se que há, nos jornais pesquisados, um número significativo de notícias sobre a construção. Antes de ter verbas públicas destinadas para a construção ferroviária, as matérias jornalísticas concentravam-se em ressaltar a importância da ferrovia para as cidades beneficiadas pelo seu traçado. Essas informações tornam-se relevantes para compreender a importância atribuída a esta obra, como, por exemplo, na matéria a seguir:

Cumpra Pleitear (e, segundo me informaram, outro não é o pensamento a construção do trecho inicial de Pelotas a Cangussú, que, aproveitando a compra ou arrendamento, o ramal do Monte Bonito, e não havendo obras de arte de vulto a enfrentar, será de custo relativamente baixo e de incontestáveis vantagens. Basta de ter em vista a circunstância de que o traçado atravessa uma zona de população densa, quasi toda colonizada, e vai ter à vila de Cangussú, ponto de convergência de importantes vias de comunicação, vindas dos municípios de Piratini e Pinheiro Machado e dos de Caçapava e Encruzilhada, através dos passos, da Carreta, do Marinheiro, da Guarda e de São José do Patrocínio, no rio camaquam, passando pelos 2º e 3º distritos, ambos dotados de terras fertilíssimas, e, em parte, colonizada, bem como o 1º e o 5º, que também levarão produtos à estação da vila (DIÁRIO POPULAR, 03/09/1937 p. 3)⁵.

Neste período de urbanização, as ferrovias tiveram um papel importante nesse contexto, pois poderiam melhorar a industrialização e o progresso dos municípios. Neste ponto reside, talvez, o interesse do jornal e da Associação Comercial, na ferrovia, ambos estariam de acordo com os objetivos de urbanidade e civilidade.

Para Zicman (1985), a apresentação das notícias, nos periódicos, não é uma repetição dos acontecimentos, mas, afirma que, os jornais organizam as informações veiculadas conforme seu filtro, ou seja, há uma intencionalidade na publicação das matérias.

⁵ Nas citações dos periódicos, foi mantida a grafia do período.

O início das construções, no ano de 1940, é noticiado pelos dois periódicos: “foram iniciados os trabalhos de construção da estrada de ferro entre Pelotas e Santa Maria” (DIÁRIO POPULAR, 10/05/1940 p. 8). “Chegou, hoje, a esta cidade, o contingente que iniciará, imediatamente, a construção da estrada de ferro Pelotas – Santa Maria” (A OPINIÃO PÚBLICA, 09/03/1940 p. 1).

Entretanto, anterior a essa data, os periódicos noticiavam, com frequência, o projeto para a estrada de ferro, assim como a sua importância para a região. A seguir, uma matéria do Diário Popular:

E, este trecho ferroviário, uma vez construído, começara a dar, desde logo, lucrativas compensações, do que, aliás, só duvidará quem não conheça o extraordinário movimento das estradas de Cangussú a Pelotas, a da Colônia Maciel e a do Santo Amor, e principalmente esta que, apesar de completamente abandonada pela administração estadual, tornando-se quasi impraticável na estação invernososa, é a mais importante e mais transitada no sul do Brasil. Djalma de Matos (DIÁRIO POPULAR, 29/08/1937).

A associação comercial do município de Pelotas solicitava agilidade na efetivação da obra. Uma matéria sinaliza a falta de trilhos para o prosseguimento dos trabalhos (DIÁRIO POPULAR, 10/11/1946 p. 8). Conforme o periódico: “pleiteia a Associação Comercial o prosseguimento das obras da ferrovia Pelotas – Santa Maria” (DIÁRIO POPULAR, 05/07/1945 p. 1). Em outra notícia (DIÁRIO POPULAR, 29/05/1947 p. 6), revela-se a grande concentração de pessoas para assistir à chegada dos trilhos, os quais deram continuidade à construção. Outrossim, as interrupções na construção são noticiadas e cobradas pela imprensa. Com o excerto a seguir, é possível identificar uma das queixas:

O trecho entre Pelotas e Canguçu atravessa rica região colonial, povoada com cerca de 80 mil habitantes, de grande e variada produção de gêneros alimentícios, e ainda não está em tráfego. Entretanto os trilhos em grande parte estão assentados, as estações construídas, as casas dos ferroviários construídos, as casas dos ferroviários levantados, um túnel de 180 metros de comprimento está concluído há muito tempo. Que falta para se iniciar o tráfego? Falta mais um pouco de espírito dinâmico (DIÁRIO POPULAR, 18/03/1947 p. 8).

Essa matéria refere-se ao atraso no funcionamento da ferrovia. No momento em que o trem começou a funcionar, no ano de 1950, há reportagens nos dois periódicos: “correu ontem o primeiro trem entre Cangussú e esta cidade. Um trem de passageiros” (DIÁRIO POPULAR, 02/04/1950 p. 10). A inauguração oficial da ferrovia, igualmente, é noticiada pelos jornais: “Imponentes as solenidades comemorativas da inauguração oficial da estrada de ferro que liga Pelotas a Cangussú” (DIÁRIO POPULAR, 11/07/1950 p. 6); “Inauguração oficial, dia 9, da Ferrovia Pelotas – Cangussú (A OPINIÃO PÚBLICA 30/06/1950 p. 1). Ao analisar o convite, percebe-se que há uma programação destinada para esta inauguração, a qual aconteceu durante o dia inteiro. No mesmo convite, nota-se o funcionamento de ferrovias em outras regiões, as quais foram construídas pelo mesmo batalhão que esteve na Colônia Maciel. Desta forma, observa-se que, neste mesmo período, foram construídas outras estradas de ferro no país. Neste momento, reforça-se o que já foi mencionado anteriormente, esse era um período de industrialização e urbanização dos municípios, e as ferrovias tiveram uma importância significativa.

A partir da pesquisa nos jornais, foi possível perceber que a imprensa local da época, os jornais, noticiou com ênfase desde o projeto de construção até a inauguração da ferrovia.

Após esse panorama, a seguir será abordado, especificamente, a memória coletiva dos moradores da localidade.

As memórias da comunidade local: teoria e empiria

Determinados acontecimentos são marcantes na história dos grupos sociais. As lembranças rememoradas são aquelas que transformaram e provocaram conflitos, por isso a memória consolida-se neste grupo. Para isso, a metodologia da história oral (AMADO e FERREIRA, 2006) torna-se fundamental neste estudo. Amado e Ferreira (2006) pontuam a introdução da história oral no Brasil nos anos 1970, sendo que, nos anos 1990, houve uma expansão mais significativa. Hoje está mais consolidado o uso das narrativas orais como fontes para a investigação histórica.

É importante pontuar o entendimento da história oral como metodologia. Há vertentes e autores que a tratam como técnica ou, ainda, como disciplina. Como metodologia, explicitada por Amado e Ferreira (2006,

p. xvi), estabelece procedimentos de trabalho “funcionando como uma ponte entre teoria e empiria”. Não é somente uma prática de trabalho, mas, também, não é uma disciplina que por si só solucione as questões da pesquisa.

Quanto aos tipos de história oral, utiliza-se a chamada história oral temática, pois não é uma biografia ou história de vida, mas decorrente de um tema, analisam-se as questões da pesquisa. A história oral temática dispõe a discussão ao redor de um tema central, mas outros assuntos podem surgir no processo. Recomenda-se que o pesquisador, neste tipo de abordagem, esteja preparado previamente sobre o assunto a ser tratado (MEIHY e HOLANDA, 2014). Para Weiduschadt e Fischer (2009), a história oral temática especifica-se por produzir narrativas em torno de um acontecimento estabelecido dentro de um período de tempo. Como pontuam Amado e Ferreira (2006), é necessária consistência teórica à produção.

Dessa forma, para embasar teoricamente este estudo, utiliza-se a noção de “estabelecidos e *outsiders*”, presente em Elias e Scotson (2000). Os autores definem os dois termos. O primeiro, proveniente do inglês *establishment* e *established*, designa grupos e indivíduos que detêm algum tipo de prestígio e poder, se auto percebem como uma boa sociedade, possuem a identidade social de um grupo. Os segundos, *outsiders*, seriam, na concepção dos primeiros, os que não são membros da boa sociedade, um conjunto mais heterogêneo, com menos laços sociais que os primeiros. Para fins de compreensão, os autores estudam a comunidade de Winston Parva,⁶ na Inglaterra, e as relações estabelecidas entre as zonas 1, 2 e 3 (ELIAS e SCOTSON, 2000).

A pesquisa dos autores diferencia-se da análise proposta neste estudo, pois se trata de uma pesquisa antropológica, a qual faz uso da metodologia da observação participante. Entretanto, é possível estabelecer conexões com a presente pesquisa. Por exemplo, os moradores da Colônia Maciel seriam os estabelecidos e os trabalhadores da ferrovia, os *outsiders*. Os primeiros possuem uma identidade que os une, seja pelo pertencimento étnico ou por compartilharem do mesmo espaço de sociabilidade, religiosidade, escolarização e trabalho. Em contraposição, os *outsiders*, ou seja, os moradores temporários da localidade, não compartilham dos mesmos códigos culturais. Elias e Scotson (2000) mencionam que não havia diferenças étnicas entre os grupos de Winston Parva. No entanto, na pesquisa observada na

⁶ Esse é um nome fictício dado pelos autores para essa comunidade.

Colônia Maciel, as relações étnicas são importantes na conjuntura do contato entre os dois grupos. Mas, para além da diferença étnica, é necessário problematizar o fato de os moradores locais já estarem instalados há muito tempo na localidade, a qual seus antecedentes colonizaram e, num esforço comunitário organizaram-se para construir as instituições locais, criando assim, uma identidade de grupo.

Poutignat e Streiff-Fenart (2011) explicam, a partir de Weber, o que são grupos étnicos. Para os autores:

O que são, portanto, para Weber os grupos étnicos? 'São esses grupos que alimentam uma crença subjetiva em uma comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparência externa ou dos costumes, ou dos dois, ou nas lembranças da colonização ou da migração, de modo que esta crença torna-se importante para a propagação da comunalização, pouco importando que uma comunidade de sangue exista ou não objetivamente' (WEBER, 1971, p. 416, *apud*, POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, 37).

De acordo com os autores, uma das características dos grupos étnicos é a crença na comunidade de origem em comum. Neste contexto, identificam-se como descendentes de italianos, emigrados de uma Itália em profunda crise econômica. Essas memórias estão no coletivo do grupo. Neste ponto, é importante mencionar os acontecimentos "vividos por tabela," tal como reflete Pollak (1992). Para o autor, existem acontecimentos pertencentes a um grupo. As pessoas não, necessariamente, vivenciaram estes acontecimentos, mas os tomam para si e os evocam entre as suas lembranças. Os entrevistados são descendentes das pessoas que imigraram para o Brasil e, mais especificamente, para o estado do Rio Grande do Sul e para o município de Pelotas. Por consequência, não viveram o começo da colonização na região. Porém, esses fatos estão na memória dos sujeitos. Nesta conjuntura, pode-se pensar nas comunidades imaginadas (ANDERSON 2008). O autor se refere, de forma mais específica, às nações. Para Anderson (2008, p. 33), "[...] qualquer comunidade maior que a aldeia primordial do contato face a face (e talvez mesmo ela) é imaginada [...]". As comunidades se distinguem pela forma como são imaginadas. Neste momento, é permissível pensar sobre a noção de comunidades imaginadas e a relação com a Colônia Maciel. Assim, faz-se necessário dissertar sobre as questões permeadas por aspectos identitários. A identidade é entendida, neste estudo, como algo construído histórica e socialmente. Neste contexto, está interligado o pertencimento étnico

dessa localidade. Para Hall (2014, p. 109): “é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos”. Há duas visões sobre a identidade, conforme Woodward (2014), a essencialista e a não essencialista. A primeira não se altera com o tempo, permanece imutável. A segunda, por sua vez, tem como foco as diferenças, o que é comum entre os grupos. Assim, presta-se atenção às formas como a identidade é construída, ou seja, social e historicamente. A esse respeito, observa-se que se entende a identidade na sua visão não essencialista. Desta forma, constituiu-se a identidade do grupo, o qual, nem sempre, legitima a convivência com pessoas de outra etnia. Woodward, ao analisar a identidade de grupos, expõe que:

A identidade é, na verdade relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades (na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, os sistemas representacionais que marcaram a diferença podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados). [...] As identidades não são unificadas. Pode haver contradições no seu interior que têm que ser negociadas; [...]. (WOODWARD, 2000, p 14).

Para Weiduschadt (2007), a identidade se estabelece a partir da demarcação de diferenças. A autora exemplifica a partir de sua pesquisa com a etnia pomerana. Esse grupo demarca a identidade étnica por saberem que não são lusos. Para Woodward (2014), “[...] a identidade depende da diferença [...]”. Poutignat e Streiff-Fenart (2011) também pontuam que a identidade étnica é formada através da diferença. É em relação aos outros que a demarcação é posta. Assim sendo, na Colônia Maciel, no período de construção da ferrovia, relacionam-se os conflitos existentes entre os dois grupos com questões identitárias e étnicas, uma vez que os “novos moradores da localidade” não pertenciam àquele grupo originário e, assim, uma questão étnica diferenciava-os. Para Barth (2011), há fronteiras étnicas e estas persistem apesar do fluxo de pessoas.

Porém, conforme se pontuou acima, há uma relação étnica estabelecida, sim, mas não se restringe a isso. Elias e Scotson (2000) escrevem que os moradores antigos de Winston Parva se conheciam há mais de uma geração. Estabeleceram um estilo de vida e normas em comum, as quais os recém-chegados não compartilhavam. Essa relação também é possível de analisar no contato entre os moradores locais e os moradores temporários da Colônia

Maciel, visto que se conheciam há muitas gerações e partilhavam dos mesmos hábitos e costumes. De acordo com os autores, os estabelecidos esperam que os outros se adaptem e se enquadrem às suas regras e normas, o que nem sempre acontece, causando conflitos na relação entre os grupos.

Nas entrevistas do MECOM, encontram-se rememorações referentes à estrada de ferro. O primeiro dado importante a ressaltar é a quantidade de narrativas que abordam o assunto da ferrovia, 17 das 31. Na maioria das vezes, o assunto parte dos entrevistadores e os entrevistados evocam suas memórias. Como mencionado, as entrevistas não foram realizadas pelas pesquisadoras. Assim, para referenciar o uso de narrativas constituídas como acervo, busca-se apoio em Grazziotin e Almeida (2012). Conforme as autoras, fazer uso desses documentos é um desafio, mas também uma possibilidade de dar “[...] movimento a algo que está em inércia” (GRAZZIOTIN e ALMEIDA, p. 2012, p. 41).

Em relação à categoria da memória é imprescindível a discussão sobre a memória coletiva. Compreende-se que há, de fato, uma vinculação entre o indivíduo que lembra e as memórias relacionadas ao grupo no qual ele está inserido. Os indivíduos rememoram suas lembranças também de acordo com sua inserção em determinado grupo social, tendo em vista que a memória e também a identidade dos indivíduos são, em alguns momentos, construídos coletivamente. Para Bosi (1994), uma memória coletiva é criada por meio de laços familiares, escolares e profissionais. É importante considerar a constituição histórica da Colônia Maciel, a qual está ligada aos processos migratórios. Essa formação e colonização do espaço pelos imigrantes recém-chegados justifica a abordagem da memória coletiva sobre questões ligadas ao grupo e ao pertencimento étnico, donde entram também as questões de identidade. Para as reflexões relativas à memória coletiva, busca-se apoio em Halbwachs (2003). Esse é um dos principais autores a defender a conceituação de que a rememoração individual se assenta na coletiva. Para o autor:

Conceder-nos-ão, talvez, que um grande número de lembranças reaparecem porque nos são recordadas por outros homens; conceder-nos-ão mesmo que, quando esses homens não estão materialmente presentes, se possa falar de memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos; ainda agora, no momento em que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo [...] (HALBWACHS, 2003, p. 36).

Para o autor, o indivíduo que lembra, o faz a partir de referências coletivas. O grupo influencia a consolidação das memórias. Para Pesavento:

Aquele que lembra não é mais o que viveu. No seu relato, há reflexão, julgamento, ressignificação do fato rememorado. Ele incorpora não só o relembrado no plano da memória pessoal, mas também o que foi preservado ao nível de uma memória social partilhada, ressignificada, fruto de uma sanção e de um trabalho coletivo. Ou seja, a memória individual se mescla com a presença de uma memória social, pois aquele que lembra, rememora em um contexto dado, já marcado por um jogo de lembrar e esquecer (PESAVENTO, 2004, p. 94).

Ao relacionar as discussões acima com o *locus* da pesquisa, pode-se pensar que alguns acontecimentos da comunidade permanecem na memória coletiva dos indivíduos. As recordações são evocadas pelos indivíduos. Porém, os acontecimentos lembrados fazem parte de uma memória que está para além do indivíduo, pois é pertencente a um grupo.

À vista disso, uma das memórias consolidadas neste grupo diz respeito à convivência entre os dois grupos, a qual, segundo os entrevistados, não foi sempre harmônica. Conforme as narrativas, eram comuns alguns conflitos no local, até mesmo em festas e momentos de sociabilidade do grupo. No excerto a seguir pode-se observar uma das lembranças:

E: É acho que se saía alguma festinha ali na Maciel, baile, dança, então tiveram que parar por que o pessoal da estrada de ferro brigava demais (MECOM 14).

Novamente, faz-se uso da pesquisa de Elias e Scotson (2000). Na comunidade analisada pelos autores, existiam festas específicas para cada uma das zonas (1, 2 e 3). Na localidade da Colônia Maciel, conforme os narradores, havia conflitos nos bailes da comunidade. Durante um tempo, essas festividades foram interrompidas.

É possível perceber, nas narrativas, que a memória do tempo da construção da ferrovia está presente na evocação do grupo. Para isso, busca-se aporte teórico em Candau (2014). Para a discussão, há memórias fracas e memórias fortes. A memória fraca, na concepção desse autor, é aquela sem contornos bem definidos, quase não é compartilhada por um grupo, assim não há a identidade coletiva. A memória forte, por sua vez, é compacta e profunda.

Ela está presente na maioria dos membros do grupo, independente do seu tamanho. Porém, conforme Candau (2014), a memória forte é percebida mais fácil em grupos menores. Por esse ângulo, relaciona-se essa teorização com a comunidade da Colônia Maciel. Esse é um grupo relativamente pequeno. Praticamente, todas as pessoas se conheciam/conhecem. Assim, construíram um sentimento de pertencimento, pois organizaram, de forma coletiva, as instituições de que necessitavam dentro dos seus costumes e hábitos. Assim, há uma memória coletiva operando no grupo local.

É relevante salientar que os moradores da Colônia Maciel também trabalharam na construção da ferrovia. Um dos narradores explica:

E: Os exércitos mais, quem luto mais, quem trabalhou mais aqui foi os exércitos. (?) naquela época tinha uma seca muito braba, o pessoal trabalho muito ali, trabalharam na estrada de ferro (MECOM 2).

Desta forma, para além dos espaços de sociabilidade, os dois grupos conviviam também no espaço do trabalho. É interessante observar que não há narrativas que abordem conflitos no trabalho.

Para sintetizar, de forma geral, as memórias referentes à estrada de ferro abordam dois elementos. O primeiro é a ideia de que a ferrovia foi importante para a região, nos anos em que funcionou, pois possibilitou o contato entre os municípios de Canguçu e Pelotas, favorecendo o progresso e mobilidade entre o mundo rural e urbano. O segundo elemento diz respeito aos conflitos que ocorreram na fase de construção da ferrovia. As duas entrevistas a seguir contemplam os dois elementos:

P: E o tempo da estrada de ferro, o senhor lembra alguma história da estrada de ferro?

E: Mais ou menos, construíram naquela época que eu nasci estavam construindo, na década de 40 né eles estavam construindo a estrada de ferro, então aí tinha muita gente trabalhando aí na empreiteira né, aquilo foi de ranchinho encostado na estrada. [...]. **Então foi uma época difícil para os meus pais**, porque aquele pessoal pegava, e roubavam as coisas, não podia adquirir nada, uva, abóbora, milho, roubavam, foi uma época muito difícil, então é. Foi difícil mesmo para eles, depois que findou a estrada de ferro, eles foram indo embora, alguns casaram por aí, mas ficaram, mas quase todos foram embora. E eles findaram, mas não tenho bem certeza, mas quando a linha ficou pronta acho que eu tinha oito anos, não tenho bem certeza,

mas sei até que quando o trem passando na linha é. Eu levei um susto, quando o trem apitou pela primeira vez. (MECOM 18, grifo nosso).

De Pelotas a Canguçu, quando eu fui para o quartel quantas vezes eu peguei o trem aqui para ir para Pelotas, ia de trem, tinha os vagões de passageiros e os de carga eram separados. **O pessoal de Canguçu quando era segunda assim que ele descia, acho que saía às oito de Canguçu, sete e meia a gente via os vagões cheios do pessoal que iam para Pelotas, não tinha faixa naquela época.** Depois parou, o governo desativou [...]. Este traço desta via férrea se eles ativassem de novo seria um grande movimento pela época agora, tem soja, tem trigo, tem milho, muita coisa poderia ir até o porto. Agora essa indústria, essa cooperativa, estudaram daqui e dali, agora se viessem o trilho aqui, agora eles vão fazer conserva de tudo e aí podia embarcar até exportar, iria até o porto. É tudo de caminhão e o caminhão se torna mais difícil, mais risco. Se dá um acidente perde (O. C, 2015, grifo nosso).

Esses dois excertos de entrevistas mostram o que se mencionou acima acerca das lembranças sobre a estrada de ferro. Uma, negativa, que se refere aos conflitos entre os dois grupos. E a outra lembrança, positiva, diz respeito aos benefícios que a ferrovia trouxe para o local.

Ecléa Bosi, em seu livro “Memória e sociedade: lembranças de velhos”, discute a memória vinculada a grupos. Para a autora:

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma *história* dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. Na maioria dos casos creio que este não seja um processo consciente (BOSI, 1994, p.407, grifos da autora).

Conforme a autora, em muitos casos, as lembranças do grupo são evocadas inconscientemente. Os indivíduos não possuem a clareza das memórias do coletivo. Ao recordar determinadas situações, o indivíduo não está consciente de que esta memória tem significado para um grupo mais

amplo. Para Bosi (1994, p.55), “[...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado [...] a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão agora a nossa disposição [...]”. A partir dessa análise entra em cena outro elemento, a memória, que é evocada no presente. Os acontecimentos lembrados referem-se a um tempo passado, mas não distanciados das vivências posteriores dos narradores. Entende-se que a evocação é algo construído, ou seja, relembra-se a partir do presente e, logicamente, está imbuída de vivências posteriores ao tempo lembrado, o que corrobora a assertiva de Janaína Amado (1995) de que o vivido é diferente do lembrado.

Além dos excertos citados anteriormente, há outros no acervo oral que remetem aos mesmos tópicos. Em alguns, encontram-se informações mais acentuadas dos conflitos ocorridos no período. Em algumas entrevistas, há certo silêncio quando se pergunta a respeito da estrada de ferro e se houve algum “estranhamento” entre os dois grupos. Neste momento, pode-se pensar sobre o que os entrevistados escolhem para evocar, pois “a parte da lembrança que é verbalizada (a evocação) não é a totalidade das lembranças [...]”, na mesma perspectiva:

[...] na relação que mantém com o passado, a memória humana é sempre conflitiva, dividida entre um lado sombrio e um lado ensolarado: é feita de adesões e rejeições, consentimentos e negações, aberturas e fechamentos, aceitações e renúncias, luz e sombra ou, dito mais simplesmente, **de lembranças e esquecimentos** (CANDAUI, 2014, p. 73, grifo nosso).

Para o referido autor, a memória humana é seletiva, formada por lembranças e esquecimentos, ou silenciamentos. Neste sentido, para alguns entrevistados, a memória do tempo da estrada de ferro não é evocada, consciente ou inconscientemente.

A partir do exposto acima, é visível que o acontecimento da construção da ferrovia está presente na memória coletiva da comunidade da Colônia Maciel.

No que se refere à instituição escolar do local, Escola Garibaldi, também há narrativas:

E: Isso deve ter aumentado o número de gente no colégio né?

E: Mas, esse colégio ali que vai ser o museu, aquilo ali, a primeira classe, acho que nós não tínhamos essa distância aqui do quadro. E até no fundo lá, encostado na parede. Duas filas de classes assim. Cheinho. Sentava quatro alunos enfileirado, em cada classe. De manhã, de tarde.

P: Quantos alunos chegaram, chegou a ter?

E: Me parece que de manhã era 72. Um aluno, um professor só, dando aula

P: E dava muita briga? (MECOM 14)

E: É que uma época aí, estavam trabalhando na estrada de ferro, que existia. E, então, existia gente aí de tudo que era lado. Nem sei de onde que vinham, vieram tanta gente. A beira da estrada aqui, era tudo com a casinha aqui. Ranchinho né. [...]. Por isso, existia setenta e tantos alunos aí, porque tinha toda essa gente para estudar. Não era todos daqui da região, para estudar. Tinha gente aí, deveria ter naquele coleginho uns 80 alunos estudando, aquilo era da 1ª a 4ª série tudo misturado, aquilo eu nem sei como o professor, ele chegava a ficar atacado. (P. P, 2015).

Um item necessário a pontuar é sobre a memória dos entrevistados sobre o aumento do número de alunos. Não necessariamente havia 80 ou 72 alunos estudando, conforme os entrevistados se referem, mas o importante aqui é pensar como isso se consolidou na memória deste grupo, a saber, como um momento em que aumentou muito o número de alunos. Não há necessidade neste caso da precisão de quantos alunos estavam em aula e, sim, como isso foi assimilado pelos moradores locais. Como mencionado, a memória não é uma reprodução do vivido, mas, sim, uma representação desse. Neste sentido, Conforme Halbwachs (2003, p. 19), “a memória é releitura e reconstrução do que passou, a partir da inserção do indivíduo numa coletividade e em momentos presentes que se sucedem”. Portelli vai ao encontro dessa discussão:

[...] quando falamos em memória, não falamos de um espelho do passado, mas de um fato do presente, porque o conteúdo da memória pode ser o passado, mas a atividade de recordar, a atividade de contar a história do passado é uma atividade do presente, e a relação que se coloca é uma relação entre presente e passado (PORTELLI, 2010, p.11).

Com isso, observa-se que o número exato dos alunos não tem, nesta análise, uma importância grande, visto que é pertinente considerar a memória evocada pelos entrevistados. Decerto que a lembrança do elevado número de alunos foi influenciada pelo fato de haver, na época, alunos novos da escola,

consolidando, assim, uma memória coletiva. Neste seguimento: “a memória coletiva, as recordações do grupo, marcam as lembranças individuais, uns e outros se auxiliam mutuamente neste processo [...]” (WEIDUSCHADT e FISCHER, 2009, p. 75). Assim, nota-se que a memória coletiva dá sustentação às rememorações individuais. Alguns dos entrevistados expressam que não vivenciaram esse período, por serem crianças ainda muito pequenas, porém trazem as mesmas lembranças sobre o impacto da ferrovia na região e na escola. Neste ponto, relaciona-se com os “acontecimentos vividos por tabela”, proposta por Pollak (1992), já mencionado anteriormente.

Quanto aos registros da escrituração escolar, não há referência ao período da construção. Nesses documentos, escreviam-se os registros oficiais da escola, tais como: notas e frequência escolar. Talvez por isso não haja informações sobre a estrada de ferro. Entretanto, a partir dos registros da escrituração escolar, foi possível perceber a mudança do número de alunos durante a década de 1940. Percebeu-se, através da análise dos documentos, o aumento dos alunos durante os anos de 1943 a 1948. O quadro abaixo mostra o número dos alunos que prestaram os exames finais em cada ano. Ressalta-se que nem todos os alunos matriculados na escola realizam essas provas:

Quadro1 - número de alunos que realizam os exames finais anualmente na Escola Garibaldi.

| Ano | Nº de alunos | Ano | Nº de alunos | Ano | Nº de alunos |
|------|--------------|------|--------------|------|--------------|
| | | | | | |
| 1929 | 37 | 1937 | 40 | 1944 | 48 |
| 1930 | 44 | 1938 | 30 | 1945 | 49 |
| 1931 | 46 | 1939 | 39 | 1946 | 48 |
| 1932 | 39 | 1940 | 30 | 1947 | 46 |
| 1933 | 28 | 1941 | 32 | 1948 | 49 |
| 1934 | 35 | 1942 | 34 | 1949 | 30 |
| 1935 | 36 | 1943 | 51 | 1950 | 31 |

| | | | | | |
|------|----|--|--|--|--|
| 1936 | 43 | | | | |
|------|----|--|--|--|--|

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras, 2015.

Conforme se observa no quadro, o número de alunos que realizaram os exames finais durante os anos de 1943 a 1948 é constante. Não há tanta variação como nos outros anos. Infere-se que esse aumento nos discentes seja um impacto da construção da ferrovia.

Num segundo momento, ao realizar entrevistas com alunos que estudaram na Escola Garibaldi durante esse período, verificou-se que eles ressaltam não somente a quantidade dos alunos, mas, também, o fato de haver maior desordem na sala de aula. Neste momento, é necessário mencionar que, em todas as entrevistas realizadas com os alunos da Escola Garibaldi durante o recorte temporal desta pesquisa, o tema construção da ferrovia surgiu por parte do entrevistado. Esse assunto não estava previsto no roteiro elaborado pelas pesquisadoras, mas, sim, apareceu de maneira espontânea na evocação dos entrevistados.

Ao finalizar uma das entrevistas e perguntar ao entrevistado o que mais gostaria de acrescentar, a resposta é a seguinte:

Era tudo tão difícil, com aquela turma, crianças do pessoal da ferrovia, eram muito atrasados, entre crianças não dava conflitos, o professor também não dava chance, fazia obedecer. Pode ser que tinha tido alguma coisinha, mas não marcou muito, o professor não dava moleza para ninguém e tinha que ser naquele ambiente que tinha ali tinha que ser. É muito diferente (P.P., 2015).

Esse entrevistado rememora que as crianças das famílias que vieram para a construção da estrada de ferro eram mais atrasadas do que as outras. Porém, o narrador resalta que entre as crianças na escola não havia desentendimentos, atribuindo ao professor a função de manter a organização da turma. Castro (2017) observa que o professor José Rodeghiero exercia, na comunidade da Colônia Maciel, atividades para além da docência, era um líder comunitário importante e respeitado pelos pais dos alunos. Assim, no espaço escolar, conseguia lidar com os alunos novos que chegavam para serem alfabetizados.

Outro entrevistado porta-se de maneira semelhante, conforme a narrativa: “Aumentou o número na época da estrada de ferro, mudou a nossa zona ali. Tinha uma guria que era tirana e ela tinha mais dois irmãos. Aumentou muito o número de alunos” (M. E. C., 2015).

Dentro desta mesma perspectiva do vínculo entre narrador e pesquisador, da relação que se estabelece entre ambos, Portelli reforça:

[...] O segundo nível remete à relação entre os historiadores e os narradores orais que entrevistamos. Porque, como eu dizia antes, não são objetos da investigação, mas sujeitos de um projeto compartilhado, de um diálogo entre entrevistado e entrevistador. Um diálogo em que os papéis se modificam, mudam, em que nem sempre é o historiador quem faz as perguntas, há perguntas colocadas pelo entrevistado. Há duas agendas que se encontram: a agenda do historiador, que tem perguntas, algumas coisas que queremos saber; e a agenda do entrevistado, que aproveita a presença do historiador para contar as histórias que quer contar, as quais não são necessariamente as histórias que buscamos. E talvez, amiúde, são mais interessantes do que as histórias que buscamos (PORTELLI, 2010, p. 3-4).

Conforme alerta o autor, ao realizar a entrevista, não se coletam os dados, mas, sim, produzem-se. Os dois atores, pesquisador e entrevistado, juntos, produzem a entrevista.

Conforme teorizado anteriormente, há memórias que são consolidadas por um grupo, constituindo-se como uma memória coletiva. É o que Candau (2014) denomina memórias fortes. Esta relação entre os moradores locais e temporários não pode ser apenas explicada como o convívio entre dois grupos diferentes, mas, sim, analisada à luz do contexto local.

Considerações finais:

Este artigo teve como objetivo analisar as memórias da construção da ferrovia construída na localidade da Colônia Maciel, assim como a repercussão deste acontecimento na instituição escolar da região, Escola Garibaldi. Desta forma, sistematizam-se aqui alguns pontos relevantes, a partir das fontes estudadas à luz da teoria mobilizada. Percebe-se que a construção da ferrovia está presente na memória dos entrevistados, consolidando-se como uma memória forte e coletiva. A maioria dos membros da comunidade compartilham essa memória e a evocam. Assim, a partir das narrativas orais, foi possível perceber como foi para os moradores da Colônia Maciel o convívio entre os dois grupos, nominados moradores locais e moradores temporários. Conforme foi analisado, o grupo local não aceitava de forma

natural os novos moradores da região, e os responsabilizavam por uma maior desordem na região, tanto nos espaços de sociabilidade, festas e bailes, quanto no ambiente escolar. Neste, de acordo com as narrativas, aumentou o número de alunos.

Igualmente, nos periódicos – Diário Popular e A Opinião Pública – há significativo número de reportagens sobre esta ferrovia, o que denota uma expectativa do público na obra. Conforme se pontuou acima, os jornais noticiavam com frequência as informações referentes ao andamento das obras, mostrando a importância da obra para o progresso da região.

Se por um lado, a ferrovia trouxe benefícios para os municípios e para as populações por onde seu traçado passou, da mesma forma, alguns moradores da localidade trabalharam nesta construção, como um meio de renda, dada a estiagem ocorrida em alguns anos. Por outro lado, a convivência cotidiana entre os dois grupos, os moradores locais e os temporários ou, para retomar a expressão de Elias e Scotson (2000) “os estabelecidos e os *outsiders*”, nem sempre ocorreu de forma natural. Nas narrativas, é possível notar que a comunidade local atribui valor à ferrovia, ressalta-se o quanto facilitou o deslocamento entre as cidades e a zona rural, Entretanto, atrelado a essa lembrança positiva acerca deste período, somam-se as evocações de como o local foi modificado pela presença de outras pessoas que não as originárias do mesmo grupo étnico. Houve conflitos e divergências entre os dois grupos, inclusive no espaço escolar. Os entrevistados, alunos da Escola Garibaldi, lembram que era um período com muitos alunos e mais difícil para a aprendizagem, sendo que os alunos do grupo de moradores temporários eram mais atrasados para aprender e tinham muitas dificuldades, o que prejudicava a turma como um todo.

Essa análise foi tangenciada por algumas discussões teóricas. Conforme foi abordado acima, há aspectos identitários étnicos presentes nesta conjuntura. Entretanto, não é somente por um grupo ser originário de descendentes italianos e o outro não, que se explicariam certos conflitos, mas também pelo fato de um grupo partilhar do mesmo espaço geográfico e ter modos de vida diferentes do grupo dos moradores temporários. Como se pontuou, o grupo local compartilhava os mesmos espaços de sociabilidade, escolarização, religiosidade e se conheciam há mais de uma geração, o que fortaleceu a sua identidade.

Este estudo da época de construção da estrada de ferro esteve centrado na lembrança dos entrevistados sobre as pessoas que se estabeleceram na

Colônia Maciel. As lembranças por parte dos entrevistados em sua maioria referem-se a um período difícil no local. Entretanto, pontua-se que houve estranhamentos entre os grupos, mas também teve pessoas que ficaram na localidade após o término da construção. O que é interessante para essa pesquisa é problematizar o quanto isso foi recorrente em muitas das narrativas, consolidando uma memória forte na perspectiva de Candau (2014). Decerto que nessas lembranças também são repassadas entre as gerações, alguns dos entrevistados rememoram a partir do que ouviram de seus pais, logo são memórias coletivas e a representação destas faz-se presente na localidade. É necessário refletir que se escreveu aqui a memória dessa ferrovia a partir de um grupo, os moradores da Colônia Maciel.

Referências

A OPINIÃO PÚBLICA. Edições de 1928 a 1950. Bibliotheca Pública Pelotense, Pelotas/RS.

AMADO, Janaína. O Grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: História, São Paulo, p.125-136, 1995.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). Usos e abusos da História Oral. 8.ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas. 4. reimpressão. São Paulo: companhia das letras, 2008.

BARTH, De Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: TA, 1994.

CANDAU, Joel. Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2014.

CASTRO, Renata Brião de. A Escola Garibaldi e o professor José Rodeghiero na Colônia Maciel – Pelotas (RS) (1928 – 1950): grupo local e etnia. 2017. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas.

DIÁRIO POPULAR. Edições de 1928 a 1950. Bibliotheca Pública Pelotense, Pelotas/RS.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder de uma comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. Romagem do tempo e recantos da memória: reflexões metodológicas sobre História Oral. São Leopoldo: Oikos, 2012.

HALBWACHS Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro Editora, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? IN: SILVA, Tomás Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

J. C. depoimento [jun. 2015]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2015, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

LUCA, Tania Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla. Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005. p. 111-153.

M. E. C. depoimento [ago. 2015]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2015, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

MECOM. Banco de imagens e sons do Museu Etnográfico da Colônia Maciel, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/04.pdf> Acesso em 29 abr. 2015.

O. C. depoimento [jul. 2015]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2015, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

P. P. depoimento [jul. 2015]. Entrevistadora: Renata Brião de Castro, 2015, Pelotas. Entrevista concedida para fins desta pesquisa.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf> Acesso em: 25 mar. 2015.

PORTELLI, Alessandro. História oral e poder. Mnemosine, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 2 – 6, 2010. Disponível em: <www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/.../pdf_183> acesso em: 25 mar. 2015.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da etnicidade. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação?. Educar, Curitiba, n. 18, p.13 - 28, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n18/n18a03.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

WEIDUSCHADT, Patrícia. O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: identidade e cultura escolar. 2007. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.

WEIDUSCHADT, Patrícia; FISCHER, Beatriz T. Daudt. História oral e memória: aportes teórico-metodológicos na investigação de trajetórias docentes. In: FERREIRA, Marcia. Ondina Vieira.; FISCHER, Beatriz. T. Daudt; PERES, Lúcia. Maria Vaz. (orgs). Memórias docentes: abordagens teórico-metodológicas e experiências de investigação. São Leopoldo: Oikós, 2009.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomás T. da (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-73.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História. v. 4, p. 89 – 102, 1985.

Recebido em 26/10/2017
Aprovado em 05/01/2018